

FRANCISCO DE OLIVEIRA
Coordenação

O Espírito Olímpico no novo milénio



Coimbra • Imprensa da Universidade

A GLORIA OLÍMPICA NUMA ODE HORACIANA

Aires Pereira do Couto
Universidade Católica

A ode que abre o livro primeiro das Odes de Horácio é dedicada a Mecenas, um político romano descendente da nobreza etrusca, que era amigo, colaborador e um dos principais conselheiros de Octávio, o futuro imperador Augusto. Mecenas sobressaiu particularmente pelo apoio que concedeu aos homens das artes e das letras, nascendo à sua volta o chamado Círculo de Mecenas, de que fizeram parte poetas como Virgílio, Vário Rufo, Propércio e o próprio Horácio, que foi apresentado a Mecenas por Virgílio e Vário⁽²⁾, em 38 a.C., acontecimento que viria a influenciar profundamente o rumo da sua vida, pois Mecenas tornou-se seu protector e amigo.

Na referida ode, o poeta Venusino enumera nove exemplos de diferentes paixões e ambições humanas que determinam a vida de cada homem numa caminhada incessante pela sua concretização. Assim,

() São vários os textos de Horácio dirigidos ou dedicados a Mecenas. É, além da ode I.1, o caso das odes 1.20, 2.12, 2.17, 2.20, 3.8 e 3.29; dos epodos I, 3, 9 e 14; das sátiras I.1 e 1.6; e das epístolas I.1, 1.7 e 1.19.

(2) E o próprio Horácio que o diz na sátira 1.6, a melhor e mais extensa memória da sua própria vida. Afirma o poeta:

*Nulla etenim mihi te fors obtulit; optimus olim
Vergilius, post hunc Varius dixere quid essem, (v.54-55)*

Na verdade não foi o acaso que te trouxe ao meu conhecimento;
um dia o excelente Virgílio, e depois dele Vário, disseram-te quem eu era.

segundo Horácio, alguns homens encontram a felicidade na vitória olímpica:

Sunt quos curriculo puluerem Olympicum
collegisse iuuat metaque feruidis
euitata rotis palmaque nobilis
terrarum dominos euehit ad deos, (v.3-6)

Há homens a quem agrada levantar o pó Olímpico na corrida de carros, e a quem a marca evitada pelas rodas escaldantes e a palma gloriosa elevam até aos deuses, tornando-os senhores da terra.

Outros encontram-na no sucesso político:

Hunc, si mobilium turba Quiritium
certat tergemis tollere honoribus, (v.7-8)

Este fica feliz se a multidão dos Quirites inconstantes procura honrá-lo com a tríplice dignidade.

Outros, na abundância da produção agrícola:

Illum, si proprio condidit horreo
quidquid de Lybicis uerritur areis, (v.9-10)

Aquele (sente-se feliz) se juntou no seu próprio celeiro todo o grão que é varrido nas eiras da Líbia.

Outros, no prazer dos trabalhos agrícolas:

Gaudentem patrios findere sarculo
agros Attalicis condicionibus
numquam dimoueas, ut trabe Cypria
Myrtoum pavidus nauta secet mare. (v. 11-14)

Aquele que se sente feliz em abrir com a enxada os campos paternos, nem oferecendo-lhe a riqueza de Átalo o convencerias a, marinheiro tímido, sulcar com um lenho cíprio o mar de Mirto.

154

Outros, no comércio marítimo:

Luctantem Icaris fluctibus Africum
mercator metuens otium et oppidi
laudat rura sui; mox reficit rates
quassas, indocilis pauperiem pati. (v. 15-18)

Quando o Africo luta com as ondas Icárias,
o mercador, assustado, louva o ócio e os campos
da sua cidade; mas logo conserta as embarcações
danificadas, incapaz de suportar a pobreza.

Outros sentem-se felizes fruindo os prazeres de uma vida ociosa:

Est qui nec ueteris pocula Massici
nec partem solido demere de die
spernit, nunc uiridi membra sub arbuto
stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae, (v. 19-22)

Há quem não recuse os copos do velho Mássico,
nem tirar uma parte ao dia inteiro para se estender
quer debaixo de um verde medronheiro quer
junto da agradável fonte de água sagrada.

A outros agradam as actividades bélicas:

Mu/tos castra iuuant et lituo tubae
permixtus sonitus bellaque matribus
detestata. (...) (v.23-25)

A muitos agradam os acampamentos e o som
da trombeta misturado com o do clarim e as guerras
detestadas pelas mães. (...)

E outros, ainda, sentem prazer na caça:

(...) Manet sub loue frigido
uenator tenerae coniugis inmemor,
seu uisa est catulis cerua fidelibus,
seu rupit teretes Marsus aper plagas, (v.25-28)

155

(...) Permanece ao relento
o caçador, esquecido da sua jovem esposa,
se uma corça foi avistada pelos seus cães fiéis,
ou se um javali da região dos Marsos rompeu as redes finas.

Por fim, Horácio fecha esta enumeração com o seu próprio conceito de felicidade, que ele alcançará através da sua inclusão no número dos poetas líricos:

Me doctarum hederæ præmia frontium
dis miscent superis, me gelidum nemus
Nympharumque leues cum Satyris chori
secernunt populo, si neque tibias
Euterpe cohibet nec Polyhymnia
Lesboum refugit tendere barbiton.
Quod si me lyricis uatibus inseres,
sublimi feriam sidera uertice. (v.29-36)

A mim, as heras, prémio das doudas fronte,
tornam-me semelhante aos deuses celestes; a mim,
o bosque fresco e os coros agradáveis das Ninfas, juntamente
com os dos Sátiros, separam-me do povo, se Euterpe
não me negar as suas flautas nem Polímnia
se recusar a tocar para mim a lira de Lesbos.
Se me incluíres entre os poetas líricos,
tocarei os astros com a minha cabeça gloriosa.

Quando Horácio exprime o desejo de ser incluído no número dos poetas líricos, alude ao cânone de nove poetas líricos gregos, dos quais o primeiro e mais importante era Píndaro, o "regnator lyricæ cohortis", como diz Estácio⁽³⁾, os restantes eram Baquírides, Safo, Anacreonte, Estesícoro, Simónides, Ibico, Alceu e Alcman.⁽⁴⁾ Horácio deseja ser poeta lírico, na tradição de Safo e Alceu, e ser o primeiro a introduzir a poesia édica nos versos latinos. O poeta alcançou estes objectivos: ele próprio o diz na última ode dos seus três primeiros livros, a ode 3.30, na qual faz a sua autoconsagração poética, exprimindo o orgulho de ter conquistado a imortalidade.

Contrapor a vocação lírica a uma enumeração de vários tipos de vida eleitos pelos homens era um procedimento tradicional desde os poetas

(3) Siluæ, 4.7.5.

(4) Cf. R. Pfeiffer, *History of Classical scholarship*, Oxford, 1968, p.205.

gregos.⁽⁵⁾ A diversidade dos prazeres humanos e da sua busca era um velho tópico literário que já aparece em Sólon, fr. 13 West, 43-58:

, * μ
 , μ μ μ *
 μ μ μ *
 , μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 μ μ μ *
 * μ μ *
 μ

Cada um se afadiga à sua maneira: um vagueia pelos mares
 piscosos em navios, desejando levar para casa
 o lucro, arrastado pelos ventos terríveis,
 sem pensar em poupar a vida.
 Outro, que cuida dos arados recurvos, serve todo o ano,
 retalhando a terra coberta de árvores.
 Outro, instruído nas obras de Atena e do industrioso
 Hefestos, ganha a vida com suas mãos.
 Outro, que aprendeu a ter os dons das Musas Olímpicas,
 conhece a medida dos encantos da Sabedoria.
 A outro, a quem os deuses acompanhavam, Apoio, senhor do arco,
 fê-lo adivinho; percebe a desgraça
 que de longe caminha para o homem; mas o destino marcado,
 não o evita o arúspice nem os sacrifícios.
 Outros são médicos, que exercem o ofício de Péon,
 rico em remédios; mas não alcançam o fim.⁽⁶⁾

157

⁽⁵⁾ Cf. R. G. M. Nisbet and Margaret Hubbard, *A Commentary on Horace Odes, Book I*, Oxford, Clarendon Press, reimpr. 1989, p.2-3. Ai são citados exemplos de Safo (fr. 16), de Píndaro (Nemeia 8.37 sqq.) e de Eurípides (frag. 659. I sqq.).

⁽⁶⁾ A tradução aqui apresentada é da Professora . H. Rocha Pereira (*Hélide. Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, 81995, p. 108-109).

Este mesmo tópico está presente em Píndaro, frag. 96 (edição de Puech)(7);

... μ () μ ' ,
 μ () ? , μ ?
 ? ' μ ?
 ?

Há aqueles a quem agrada a glória e as coroas dos cavalos rápidos como a tempestade, a outros agrada viver em quartos onde abunda o ouro; outros gostam de atravessar, sãos e salvos, o turbilhão marítimo num rápido navio.

Este tópico serviu ainda de objecto de especulação para os filósofos gregos, ao compararem a actividade filosófica a outros tipos de tarefas. É o caso de Platão, na República 581c, e de Aristoteles, na Ética a Nicómaco 1095b17sq.(8)

Voltemos agora ao primeiro dos exemplos de paixões humanas apresentados por Horácio - o da vitória olímpica. Este exemplo é um tópico habitual nos “catálogos de ocupações” apresentados por autores gregos, como por exemplo: Píndaro (frag. 96 da edição de Puech), Diógenes Laércio (8.8) ou Iâmblico (Vida de Pitágoras 58).(9)

Na Grécia do século V a.C., os jogos eram numerosos, mas entre eles sobressaíam quatro: os jogos Píticos, que se realizavam em Delfos, os Istmicos, em Corinto, os Nemeus, em Nemeia, e os mais importantes, os Olímpicos, em Olímpia.

Quando Horácio escreveu esta ode, possivelmente em 23 a.C., pouco tempo antes da publicação dos três primeiros livros das odes - o que aconteceu ainda nesse mesmo ano - os Jogos Olímpicos já tinham perdido muita da sua antiga glória.

O início oficial dos Jogos Olímpicos remonta a 776 a.C., data a partir da qual os nomes dos vencedores das provas começaram a ser anotados em registos públicos. Atingiram o seu auge no século V a.C.. Com o

(7) > Corresponde ao frag. 221 da edição de Schroeder (editio maior).

<*> Cf. R. G. M. Nisbet and M. Hubbard, op. cit., p.2.

<'> Cf. Ibidem, p.5.

domínio romano da Grécia e da Macedónia, no século II a.C, as competições entraram em contínua decadência, por motivos vários, dos quais se pode realçar o próprio temperamento do povo romano que não via a competição desportiva com o espírito quase religioso dos gregos. Apesar dos esforços de imperadores como Nero, Adriano e Tibério - este último venceu mesmo uma corrida de carros no ano 4 - vão desaparecendo do programa olímpico provas como as corridas de carros e multiplicam-se as que se caracterizam pela violência. O desinteresse pelos jogos foi aumentando, até que, em 393, o imperador Teodósio I os proibiu por serem considerados festivais pagãos.^{C0)}

Ao contrário do que acontecia na Grécia, na época áurea dos Jogos Olímpicos, em que os vencedores eram celebrados em odes triunfais, de que se destacam as Odes Olímpicas de Pindaro, em Roma, na poesia da época de Augusto apenas surgem algumas breves referências às vitórias olímpicas. E, por exemplo^{C)}, o que acontece com Propércio, 3.9.17-20, que apresenta versos semelhantes aos de Horácio, dizendo:

Est quibus Eleae concurrat palma quadrigae,
est quibus in celeres gloria nata pedes;
hic satus ad pacem, hic castrensibus utilis armis:
naturae sequitur semina quisque suae.

Há homens a quem convém a palma da quadriga olímpica,
há aqueles para quem a glória nasceu nos seus velozes pés;
este foi criado para a paz, este é hábil nas armas castrenses:
cada um segue as inclinações da sua natureza.

Horácio, na sua ode, refere-se especificamente à mais nobre das várias competições dos Jogos Olímpicos^{A2)}: a corrida de carros de

⁽¹⁰⁾ Sobre a história dos Jogos Olímpicos, vide H. Schöbel, *The Ancient Olympic Games*, London, 1966; L. Drees, *Olympia, Gods, Artists and Athletes*, London, 1968; e . I. Finley and H. W. Pleket, *The Olympic Games: The First Thousand Years*, London, 1976.

^(M) Poderão encontrar-se outros exemplos em Virgílio, *Georgicas* 3.49; Estácio, *Siluae* 5.2.25-26.

⁽¹²⁾ No seu início, os Jogos duravam apenas um dia e tinham no seu programa apenas uma prova: a corrida de velocidade no estádio (uma distância de 192,27m). Com o aumento do prestígio dos Jogos Olímpicos, a sua duração e número de provas foram aumentando, até atingirem no seu período áureo, o século V a.C., uma duração de 5 dias, ao longo dos quais se realizavam as seguintes provas: 4 corridas a pé: o estádio (192,27m) para homens e para

cavalos, na qual o condutor procurava contornar a marca colocada em cada extremidade da pista de corridas, passando o mais próximo possível de cada uma delas sem, no entanto, lhes tocar. A importância do modo como a marca era contornada é realçada por autores gregos como Homero, na *Íliada* 23.334 sqq., Sófocles, na *Electra* 743 sqq., e Teócrito 24.1 19 sqq.. Vejamos o que, a este propósito, o velho Nestor diz, na *Íliada*, ao seu filho Antíloco:

μ ἄ μ ἐπι μ
 , ,
 μ , μ ,
 μ * , μ *
 μ μ , μ
 , , , μ μ ,
 , μ , ,
 μ , (. 334-348)

Faz com que o carro e os cavalos passem o mais perto possível da marca, e tu próprio inclina-te ligeiramente para a esquerda no carro bem entrelaçado; estimula o cavalo da direita com gritos, com o aguilhão, e afrouxando-lhe as rédeas, mas que o cavalo da esquerda passe tão perto da marca que dê a impressão que o cubo bem feito da roda vai raspar na pedra. Mas evita, no entanto, tocar-lhe, para não danificares o carro nem ferires os cavalos, o que traria alegria para os outros e vergonha para ti. Sê, pois, prudente, meu filho, e tem cautela. Se, guiando os cavalos, conseguires passar a marca, não haverá quem te alcance e muito menos te ultrapasse, ainda que te perseguisse o divino Aríone, o rápido cavalo de Adrasto, de origem divina, ou os cavalos de Laomedonte, os melhores que aqui foram criados.

160

rapazes, o *diaulos* (duplo estádio), o *dolichos* (corrida de fundo) e o *hoplitodromo* (corrida com armas); 3 provas de combate: luta e pugilato para homens e para rapazes, e *pancrácio* (um misto de luta e pugilato); o *pentatlo* (corrida, salto, luta, lançamento do disco e do dardo); e duas corridas hípicas: uma em cavalos de sela, outra com carros.

Voltando à ode do Venusino, é curioso verificar o realce que o poeta dá ao pormenor das rodas dos carros, que ele classifica de rodas escaldantes (*feruidis rotis*), porque as rodas eram de ferro na sua extremidade e, por isso, ficavam muito quentes durante a corrida, podendo mesmo provocar eventualmente faíscas ao rasparem na marca. Esta mesma ideia aparece em Ovídio, na *Arte de amar* 3.396:

Metaque feruenti circumeunda rota.

E a marca que deve ser contornada pela roda escaldante.

E em Virgílio, na *Eneida* I 1.195, onde as rodas também são qualificadas pelo adjectivo *feruentes*:

Frenaque feruentesque rotas...

Freios e rodas escaldantes...

Horácio termina a referência ao primeiro exemplo de paixão humana aludindo à glória da vitória olímpica, dizendo que “a palma gloriosa” torna os vencedores “senhores da terra”⁽¹³⁾ e eleva-os “até aos deuses”.

A palma, enquanto símbolo de vitória, não aparece ainda mencionada em Píndaro, pois o prémio começou por ser uma coroa de oliveira brava, uma árvore sagrada que, dizia-se, tinha sido trazida por Hércules do país dos Hiperbóreos⁽¹⁴⁾. No entanto, a palma já aparece mencionada como símbolo da vitória no século IV a.C.. Em Roma, é referida pela primeira vez em 293 a.C. 15, como se infere das seguintes palavras de Tito Lívio 10. 47. 3:

Palmaeque tum primum translato e Graeco more uictoribus datae.

Então, pela primeira vez, por influência do costume grego, as palmas foram dadas aos vencedores.

(13) Alguns consideram a expressão *terrarum dominos* como aposto de *deos*; preferimos, com Kenneth Quinn (*Horace. The Odes*, Edinburg, Nelson, 1992, p.1) e Nisbet and Hubbard (*op. cit.*, p.6), considerá-lo um aposto de *eos*, o complemento directo subentendido de *euehit*, pois parece não haver dúvidas quanto ao sentido que o poeta quer dar à expressão: os vencedores olímpicos sentem-se como verdadeiros senhores da terra.

(14) Cf. Aimé Puech, *Pindare. Olympiques*, Paris, Les Belles Lettres, 1970 (numa reimp.), p.6; vide também a nota 16.

(15) Cf. Nisbet and Hubbard, *op. cit.*, p.6.

A propósito dos prémios dos jogos, Pausanias, no século II depois de Cristo, na sua Descrição da Grécia, 8. 48. 2, diz:

μ μ
? ? ? , μ
? ? ? ,
? * μ ? μ
μ ? μ ? ?
? μ μ . ? ?
* ?
μ ? .

Por que razão em Olímpia se dá uma coroa de oliveira brava ao vencedor, e em Delfos de loureiro, já expliquei a causa da primeira no livro sobre a Elide⁽¹⁶⁾, e da segunda fá-lo-ei depois. No Istmo eram usadas as de pinheiro, e em Nemeia as de aipo, para comemorar os sofrimentos de Palémón e de Arquémoro. Mas a maioria dos jogos concede uma coroa de palma, a qual é colocada, em todos, na mão direita do vencedor.⁽¹⁷⁾

Interessante é, também, um passo de Heródoto, 8. 26, a propósito dos prémios dos Jogos Olímpicos, no qual o persa Tritantaicmes, filho de Antábano, ao ser informado de que o prémio pelo qual lutavam os Gregos nos Jogos Olímpicos era uma coroa e não dinheiro, não resistiu a exclamar:

μ μ ? μ ? , ? ' ? ?
μ ?

Ai Mardónio, que homens são esses contra quem nos levas a combater, se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade⁽¹⁸⁾

162 Horácio qualifica a palma com o adjectivo nobilis, transferindo para ela a característica habitualmente aplicada ao vencedor.

A glória alcançada pelos vencedores olímpicos faz deles, segundo o poeta, verdadeiros senhores da terra, e fá-los sentirem-se verdadeiros

(16)Vd. Pausânias, op. cit., 5.7.7.

(17) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, op. cit, p.478.

(18) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, ibidem, p.227.

deuses. Horácio repete esta ideia na ode 2 do livro quarto, recordando as celebrações que Píndaro faz dos vencedores dos Jogos Olímpicos, cuja glória era, segundo o poeta, "superior à de cem estátuas." Esta afirmação é feita numa ode em que Horácio enaltece o engenho e as virtudes poéticas de Píndaro, quer ele celebre os deuses ou os reis, quer celebre o pugilista ou o cavaleiro que regressa a casa com a palma olímpica que o iguala aos deuses:

Seu deos regesque canit... (v.13)

*Sive quos Elea domum reducit
palma caelestis pugilemve equomve
dicit et centum poti ore signis
munere donat, (v. 17-20)*

Embora o prémio pela vitória fosse uma coroa de oliveira ou uma palma e, naturalmente, a glória eterna, como afirma Píndaro na sua 1ª Ode Olímpica:

ὁ μὲν ἄλλοτε μὲν
μὲν ἄλλοτε μὲν
ei μὲν
. (.96-99)

vencedor goza, para o resto da vida,
uma ventura doce como o mel, graças aos prémios.
Um bem que se não perde acompanha os mortais até ao fim.⁽¹⁹⁾

Ou ainda na VIIIª Ode Olímpica, onde, a propósito da vitória nos jogos olímpicos, diz:

οὐρανὸν αἰεὶ,
, (. 10-11)

Grande, fulgente é a glória
que sempre acompanha o teu prémio.⁽²⁰⁾

(19) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, *ibidem*, p. 152.

(20) Tradução da Professora . H. Rocha Pereira, *op. cit.*, p. 163.

No entanto, o prêmio pela vitória não se limitava à glória eterna, pois, quando regressavam à sua cidade, os atletas vencedores recebiam várias recompensas, algumas delas pecuniárias, e passavam a gozar de vários privilégios que, por exemplo, os isentavam de pagamentos de impostos ou lhes atribuíam pensões vitalícias, pois a glória olímpica não era sentida como um exclusivo do vencedor, ela estendia-se a toda a sua cidade que a sentia também como sua.

Nos Jogos Olímpicos Modernos, que tiveram no Barão Pierre de Coubertin o seu grande impulsionador e que se iniciaram em Atenas, em 1896, os vencedores já não recebem uma coroa de oliveira ou de palma, mas sim uma medalha, de ouro para o primeiro classificado, de prata para o segundo e de bronze para o terceiro. A glória da vitória olímpica, essa mantém-se inalterada, até na forma como a terra natal do vencedor ou mesmo um país inteiro a sentem como sua. Alguns dos vencedores atingem o estatuto de verdadeiros heróis, assumem-se como uma verdadeira personificação da glória. Isto mesmo podemos vislumbrar em atletas como por exemplo Jesse Owens, vencedor de 4 medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, que demonstrou a Hitler, que se recusou a apertar-lhe a mão, que a raça ariana não era superior à negra; ou Cari Lewis, vencedor de 9 medalhas olímpicas; ou ainda Nadia Comaneci que, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, encantou o mundo com as suas magníficas provas de ginástica e se tornou na primeira ginasta a obter a nota máxima.

Naturalmente, também as recompensas e os privilégios atribuídos aos vencedores dos Jogos Olímpicos Modernos não ficam aquém daqueles que eram atribuídos aos vencedores dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, mas a verdade é que, mais importante do que essas recompensas ou privilégios, continua, indubitavelmente, a ser a glória eterna da vitória olímpica.